

## O GÊNERO ORAL “MINISTRAÇÃO DA PALAVRA” EM UMA IGREJA EVANGÉLICA

Eliana DIAS – ILEEL -Universidade Federal de Uberlândia

### Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sobre a parte de um culto, denominado pelos pastores de uma comunidade evangélica da cidade de Uberlândia, de “Ministração da Palavra”. O objetivo da pesquisa foi o de discutir os fundamentos desse gênero oral em consonância com as características da comunidade em que ele circula. O estudo faz também um rápido contraponto com a “homilia” da igreja católica. Este gênero, geralmente, constitui-se de uma explicação oral, pelo padre, de trechos da bíblia. Para a caracterização da “Ministração da Palavra”, da referida igreja evangélica, utilizou-se uma amostragem significativa retirada de três CDs gravados com pregações evangélicas de diferentes pastores da comunidade em questão. Os CDs são de domínio público, ou melhor, são doados pela igreja a interessados. Os critérios adotados para a análise se encontram ancorados na teoria de Travaglia (2007), que propõe a caracterização de um tipo, gênero ou espécie de texto por meio da utilização de parâmetros. Para Travaglia, a identificação e a distinção das categorias de textos dependem diretamente de sua caracterização, pois, segundo o autor, o simples nome dado para esses textos nunca é suficiente para identificar e diferenciar as categorias, embora a nomeação seja o primeiro passo para fazê-lo. Optamos também por fazer uma incursão pela literatura e nos basearmos em outros estudiosos para comparar e consubstanciar nossas análises. Percebe-se que, na linguagem oral dos pastores, há regras estritas: eles desempenham o papel de educadores, doutrinadores e disciplinadores e têm na ocorrência frequente de verbos no imperativo uma forma de garantir a autoridade. Além disso, os pastores têm a linguagem bíblica como a base linguística de seus discursos. Esperamos que essa pesquisa possa contribuir para o enriquecimento dos debates sobre os diferentes gêneros orais encontrados na sociedade.

**Palavras-chave:** gênero oral; ministração da palavra; caracterização

### INTRODUÇÃO

Este texto apresenta uma breve reflexão sobre o comportamento verbal típico da linguagem de pastores evangélicos por ocasião da ministração da palavra - Gênero oral social que circula nas esferas pública e privada - que contribui sobremaneira na formação da identidade social dos membros da Shalom, Comunidade Cristã pesquisada, da cidade de Uberlândia, MG.

Nosso objetivo é descrever a linguagem oral dos pastores dessa Comunidade, visando a compreender como se organiza o ato discursivo dos pastores evangélicos, seus mecanismos e estratégias no momento da ministração da palavra.

Para isso, nesta pesquisa, trabalhamos unicamente com os falantes-pastores da referida igreja, pois o propósito desta é apresentar algumas observações provenientes da caracterização desse gênero oral, focalizando a linguagem de disciplinamento desses pastores da referida igreja. Para tanto, utilizamos os cinco parâmetros propostos por Travaglia (2007) quais sejam: o

conteúdo temático; a estrutura composicional; os objetivos e funções sócio-comunicativas; as características da superfície linguística e as condições de produção. Em outra parte, fazemos um breve contraponto com a homilia da Igreja católica.

Foram utilizadas 04 (quatro) ministrações da palavra com aproximadamente 50 (cinquenta) minutos de duração cada. Sobre o material gravado atua a nossa intuição, experiência de falante e de estudiosa dos gêneros orais de nossa sociedade.

O CD 1 intitulado “18 princípios para uma vida bem sucedida” mostra o pastor 1, buscando, inicialmente, instaurar um clima de motivação para o tema, dizendo que tais princípios são práticas simples que auxiliarão os ouvintes no dia-a-dia. O pastor 1, doravante locutor 1 (L1) baseia-se em versículos bíblicos para expor os 18 princípios.

O pastor 2 (L2), também inicia seu discurso oral com textos da bíblia. Enfoca o tema “Evangélico”, falando do nascimento por vontade dos pais e do nascimento espiritual, baseando-se sempre nos textos da bíblia para explorar o tema. O terceiro pastor, L3, fala sobre a “Misericórdia de Deus”. Ressalta a visão distorcida que alguns têm de Deus, utilizando-se, também como os outros, de versículos bíblicos para basear suas explicações, o que nos mostra que é um texto dissertativo argumentativo. O quarto e último pastor (L4) fala sobre “O Evangelho de Jesus Cristo”. Assim como os outros, utiliza-se da palavra da Bíblia para enriquecer o seu discurso oral do tipo descritivo.

O objeto de nossa reflexão, nesse trabalho, pode ser considerado, em termos tipológicos, na perspectiva de linguagem autoritária, aqui, impregnada de informalidade. Estas análises tentarão, de certa forma, descrever, pelo menos em parte, o comportamento verbal dessa comunidade evangélica para a construção e consolidação de sua identidade. Consideramos que, para se analisar a linguagem dos pastores dessa comunidade, necessário se fez conhecer um pouco da história dessa igreja. Por isso, na segunda parte deste trabalho, apresentamos um breve histórico sobre a igreja evangélica pesquisada. Para tanto, foram lidos boletins e jornais informativos da igreja.

Na terceira parte do trabalho, enumeramos algumas considerações impregnadas de ocorrências transcritas das gravações de discursos dos pastores analisados. Nesta parte, mostramos as repetições, o uso de verbos no imperativo, expressões indicativas de obrigatoriedade, citações bíblicas, informalidade do discurso oral em contraposição à linguagem culta da bíblia, redução do vocabulário bíblico, uso de vocativos, estratégias para manter a atenção dos ouvintes, tendência monológica dos discursos, tom de voz: entonação enfática, sintagmas cristalizados pelo uso, conquista de novos adeptos à igreja e as metáforas utilizadas pelos pastores selecionados para a pesquisa.

Na quarta parte, apresentamos rápidas considerações sobre a homilia da igreja católica. Na quinta parte, elaboramos algumas considerações gerais sobre a linguagem pesquisada e na última, as referências bibliográficas.

Necessário se faz informar que a análise de alguns segmentos provenientes dos discursos não foi desenvolvida com base em uma perspectiva puramente linguística, ainda que não tenhamos feito um estudo exaustivo dos dados. São, portanto, abordagens superficiais e limitadas, uma vez que o tema poderá vir a ser objeto de estudo mais detalhado futuramente.

## **1. Breve Histórico sobre a Shalom, Comunidade Cristã**

A Shalom, Comunidade Cristã, iniciou suas atividades no ano de 1969, com a vinda dos Estados Unidos para o Brasil, mais especificamente para Uberlândia, do casal missionário Ari e Helena Scates. De 1972 a 1977, as reuniões desta igreja para estudos bíblicos e evangelização aconteciam nos lares dos participantes, mas alguns desses trabalhos eram feitos semanalmente na cadeia pública da cidade.

No princípio de 1977, a igreja passou a se reunir aos domingos, à tarde, nos fundos de uma escola de Inglês, fundada pelo mesmo casal. No ano de 1979, fixou residência em

Uberlândia mais um casal, Iron e esposa, que contribuiu sobremaneira para o crescimento da igreja.

Em 1980, muitas pessoas foram “batizadas” no Espírito Santo e a comunhão com outros irmãos foi intensificada. (Jornal Antioquia, 04).

Em maio do mesmo ano, houve a fusão da Comunidade Shalom com outra pequena comunidade de “irmãos” que se reunia também na cidade de Uberlândia.

A partir de junho de 1980 foi alugado um salão para as reuniões. A igreja crescia, à medida que seus membros recebiam muito ensino bíblico e conquistavam novos adeptos. Esse crescimento começou a se centralizar nos bairros por intermédio de grupos com pessoas ativas e idealistas.

A chácara Shalom, hoje local de encontro dos irmãos dessa comunidade evangélica, se localiza em um bairro da cidade de Uberlândia/MG. Cumpre ressaltar que parte dos terrenos foi doada à igreja pelo casal Ari e Helena Scates. A partir daí, outros terrenos foram comprados pelos membros da igreja, para compor os salões, garagens e uma escola que ali funciona.

A igreja tem, hoje, aproximadamente, 1200 membros e uma média de 400 crianças. A maioria pertence à classe média baixa. São 80 células (multiplicação da igreja em pequenos grupos), distribuídas em bairros da cidade. O Ministério pastoral é composto de 09 (nove) casais, sendo 9 (nove) pastores e 9 (nove) pastoras. Dos pastores, dois possuem curso superior e, dois, 2º grau.

Há, ainda, na Comunidade, vários encontros, tais como: Encontros de Adultos, Pré-Adolescentes, Infantil, Rede de Jovens, de Líderes, de Casais, de Mulheres, de Evangelismo, entre outros.

Há, atualmente, no Brasil, um aumento muito grande de evangélicos, um fenômeno que ocorre em todo o mundo. Importante se faz, então, estudar o fenômeno; especificamente, neste trabalho, a linguagem dessa comunidade.

## **2. Analisando o gênero**

Para começar nossas análises, ressaltamos que, segundo Travaglia (2007), uma mensagem religiosa-doutrinária é, em relação ao tipo, classificado como injuntivo. No gênero “Ministração da palavra”, quando as palavras se cruzam e se fundem, podem estar ligadas a tipos, tais como: a descrição, a narração, a dissertação argumentativa e a injunção, próximo assunto a ser tratado.

### **2.1. Tipo: a injunção**

Nos textos injuntivos, no geral, aparecem auxiliares modais de modalidades imperativas, sobretudo ordem, obrigação e prescrição. São constituídos essencialmente de verbos dinâmicos de ações; aparecem verbos enunciativos mais no discurso indireto, e ligados à condição do produtor do texto de incitador e do receptor de potencial executor das ações: mandar, ordenar, determinar, pedir, suplicar, sugerir, recomendar, etc.”

“Se o injuntivo mostra que um conteúdo tem sempre algo a ser feito e/ou como ser feito, uma ou várias ações ou fatos ou fenômenos cuja realização é pretendida por alguém” (TRAVAGLIA, 2007, p. 43), nos textos orais dos pastores analisados, percebemos que o tom imperativo é uma forma própria do discurso em que existe doutrinação e disciplinamento e alguns exemplos transcritos dos discursos analisados reforçam a idéia de autoridade da linguagem evangélica:

“Agora eu quero perguntar pra vocês: “O homem e a mulher, no dia que eles comeram o fruto, eles morreram? Morreram ou não? ”Morreram... Morreram!” (L2)

“Agora eu pergunto pra vocês, Matusalém morreu no mesmo dia que ele nasceu? Sim ou não? Sim!”(L2)

- “Cria na palavra de Deus.” (L1)
- “Usufria de tudo que a palavra de Deus diz.” (L1)
- “Preste atenção.” (L3)
- “Abram suas bíblias.” (L3)
- “Proclame a palavra de Deus.” (L1) (L2) (L4)
- “Fale para Deus...” (L2)
- “Nasça para o Senhor nesta manhã.” (L2)
- “Fale para Jesus: - Jesus eu quero ser forte.” (L2)

Os locutores quase sempre tendem a indicar aos ouvintes a ação a ser seguida. Essa estratégia discursiva, ora tenta fazer crer que a ação se faz necessária por força das circunstâncias, ora é ressaltada através de expressões indicativas de obrigatoriedade, conforme exemplos retirados dos CDs:

- “Você vai ser cheio da palavra.” (L1)
- “Eu vou ser um ótimo funcionário.” (L1)
- “Esta é a vontade de Deus.” (L1) (L4)
- “Você pode expulsar demônios.” (L1)
- “Você vai curar enfermos.” (L1)
- “Não é recomendável a leitura do livro X.” (L1)
- “Faça o que a palavra de Deus diz.” (L1) (L2) (L4)
- “Nasça para o Senhor nesta manhã!” (L2)
- “Jesus é a esperança para a eternidade.” (L2)
- “Abra seu coração para Jesus” (L2) (L3)
- “Eu abri meu coração para Jesus e minha vida foi transformada.” (L2)
- “Pode abrir os teus olhos.” (L2)
- “A verdade nos liberta.” (L1)
- “Você que está próximo do visitante, faça questão que ele leia em sua bíblia.” (L1)
- “A Bíblia está falando... Deus está falando...” (L3)
- “Se somos desobedientes, nós merecemos castigo.” (L3)

Não podemos nos esquecer também do grande número de citações bíblicas que compõem o “ambiente” das **memórias**<sup>2</sup> veiculadas pelo discurso dos pastores. Eles solicitam aos ouvintes, ao longo de suas falas, que confirmem o que diz, lendo a bíblia. Sugerem a leitura de: Romanos 11, Apocalipse 1: 17-18, Mateus 12: 22, Colossenses 3: 16, Filipenses, Pedro 1: 3, Marcos 16 e outros.

## **2.2. O conteúdo temático, a estrutura composicional; os objetivos e funções sócio-comunicativas; as características da superfície linguística e as condições de produção.**

As características relativas ao conteúdo temático das ministrações da palavra aqui analisadas, em concordância com Travaglia (2007, p. 45) mostra que uma “superestrutura será exatamente marcada pelas informações louvação + solicitação/pedido + agradecimento.”

O exemplo de parte do discurso do pastor ilustra tais características;

“[...] **Pai, nós te pedimos, em nome de Jesus**, que esses irmãos que levantaram a mão, dizendo que estão desempregados, Senhor, são pessoas que precisam trabalhar, precisam sustentar suas vidas, suas casas, suas famílias, nós pedimos que o Senhor, que não... Senhor.. que não se abala, ó Deus, por causa de crise, mas o Senhor está acima de qualquer crise. Que o Senhor abra as portas pra que todas as pessoas, não só aqui na Shalom, mas em qualquer igreja,

ó Deus, na cidade Senhor. Oh! Deus, que haja emprego pra todo mundo, que as pessoas tenham o que comer, tenha com o que pagar, ó Deus, sua prestação da sua casa, e enfim, tudo aquilo que elas têm como necessidades. Nós pedimos a ti Senhor, nós que somos pecadores e não merecemos a sua graça. Nós pedimos que o Senhor nos contemple com essa benção em nome de Jesus. Os que crêem e **agradecem**, digam Amém! (Amém) (L1)

[...] Senhor, **nós pedimos** a tua benção sobre esta palavra e sobre os nossos ouvidos, para que o seu Espírito Santo possa nos conduzir nesse momento a entender um pouco mais a respeito da tua vontade, desse assunto que é tão importante. **Agradecemos** e abençoamos cada pessoa neste lugar, em nome de Jesus. Amém.” (L1)

Nossa dificuldade reside em como analisar os objetivos e funções sócio-comunicativas da linguagem do pastor evangélico, uma vez que não é o nossa intenção interferir no curso natural desta linguagem, o que nos parece impossível, visto que a simples observação por alguém estranho à linguagem já a torna, de certo modo, artificial; mas toda tentativa será válida.

Buscamos em Fairclough (1992) algumas considerações que julgamos importante para o estudo. O autor considera a linguagem como parte da sociedade, como um processo social. Por ser um processo social, a linguagem torna-se uma aliada na promoção de mudanças ou na manutenção do *status quo*. Por isso, o mesmo autor, ao invés de linguagem, utiliza o termo discurso, termo que nós também usaremos neste trabalho.

Fairclough (1992, p. 64) nos mostra os efeitos constitutivos do discurso. Para ele:

- 1) “o discurso constrói relações sociais;
- 2) o discurso contribui para a construção dos sistemas de conhecimentos e crenças;
- 3) o discurso contribui para a construção de identidades sociais ou posição de **sujeito**<sup>1</sup>.”

Fica claro para nós que o pastor evangélico tem como papel social, dentro da comunidade, “evangelizar”, “pregar a palavra de Deus”, “orientar” e “assistir” espiritualmente aos membros da igreja. Isto leva-nos a entender a opção pela linguagem bíblica, uma vez que ela é a base linguística dessa comunidade. O código lingüístico bíblico é priorizado, e é, sem dúvida, uma retórica suficiente, prática e eficiente para esta comunidade.

Sobre esse papel social do pastor, segundo Bernstein (citado por Marcuschi, 1975, p. 41):

Os indivíduos aprendem seu papel social mediante os processos de comunicação. Isto dá a entender que os atos de linguagem individuais, ou seja, a maneira de falar de uma pessoa e situa dentro da estrutura social, define seu *status* e produz uma identidade social.

Assim, o processo de comunicação, definido e diferenciado pelos atos lingüísticos dos pastores, é uma função do papel social e da maneira de falar. Como maneira de falar, entende-se aqui tanto o nível gramatical como o lexical. Melhor dizendo, ela envolve os vocábulos e as construções gramaticais usados no discurso.

Outra característica importante é a interação face a face, as expressões fisionômicas e os gestos dos locutores, além do texto argumentativo *stricto sensu* que tem a finalidade de convencer, persuadir alguém a fazer algo.

Muitas vezes, também, os locutores se utilizam da estratégia de reduzir o vocabulário bíblico a itens comuns e familiares, com o intuito de facilitar a compreensão de ouvintes. Para isso, procuram sinônimos ou expressões de uso coloquial para facilitar a compreensão dos ouvintes.

Ex: “Jesus era chegadão...” (L1)  
“Eu já estou com minha passagem para o céu.” (L1)

Nessa concepção da linguagem, pode-se ressaltar que as condições de produção e os atos lingüísticos atuais (**variações de registro**<sup>3</sup> - ora mais formal, ora informal -) desenvolvidos pelos pastores, sem dúvida, facilitam a compreensão da mensagem bíblica que, nessa

perspectiva, apresenta-se como experiência textual, interacional e discursiva dos falantes evangélicos. Nesse sentido, os pastores propiciam, também, uma linguagem como uma forma de aproximação entre os indivíduos submetidos à ação de seus discursos, como que formando uma sociedade.

Outra característica marcante nos discursos dos pastores é o uso de vocativos que são termos oracionais usados para chamar ou colocar em evidência o ser a que nos dirigimos. Eles têm a sua importância. É o momento em que o auditório volta olhos e ouvidos ao orador. Geralmente, torna-se imprescindível o uso de vocativos em palestras/discursos.

---

1. A noção de **sujeito** é central na proposta de discurso como prática social. O **sujeito**, muitas vezes, se considera como fonte do próprio dizer e quando isto acontece significa que a apropriação da linguagem por ele está inserida na formação ideológica da qual faz parte. (FAIRCLOUGH, 1992, p. 63).

Segundo Travaglia (1996), as variações de registro ou o grau de **formalismo** da língua representa uma escala de formalidade, entendida como um maior cuidado e apuro (no sentido normativo e estético) no uso dos recursos fonológicos, morfológicos, sintático, lexical, etc, aproximando-se cada vez mais da língua padrão. No caso da variante **informal**, não há um rigor formal. São usados termos coloquiais, sem um apuro normativo.

Os locutores analisados usam e abusam dos vocativos, tais como: “Povo de Deus”, “Meus queridos”, “Irmãos”, “Queridos”, etc.

Dado o seu papel institucional, com esses vocativos, os locutores tentam fazer com que o ouvinte esteja atento a sua fala, por meio de estratégias discursivas interessantes. Vale transcrever aqui uma estratégia utilizada pelo L2 para manter a atenção dos ouvintes. Primeiramente, pede para que o grupo não converse e, logo após, propõe uma aliança com a assembléia. Pede para dizerem ao vizinho em voz alta:

“Repita: Eu não vou conversar com você”; ... não vou te responder.” (Todos repetem em voz alta) L2

Em um dado momento, o mesmo pastor se utiliza dos som “**Shhh**”, ao solicitar silêncio aos ouvintes.

Acreditamos que tal estratégia contribui, portanto, para comprovar que a linguagem é o instrumento de poder utilizado pelo L2.

Outra característica que nos chamou a atenção é a tendência monológica dos discursos. Isto se evidencia pela realização da seguinte estratégia discursiva:

Os pastores fazem perguntas aos ouvintes. Eles mesmos respondem e em voz mais alta.

“Você quer entrar no céu assim?” (L1)

“Como você quer entrar?” (L1)

“O que vocês estão entendendo por ...” (L3)

“Vocês estão compreendendo o que significa misericórdia?” (L3)

“Há injustiça por parte de Deus?” (L3)

“Amém. Concorda comigo?” (L2)

Tais perguntas seriam respondidas num ambiente menor, ou em uma entrevista com poucas pessoas. Nesse caso, poderia, então, haver um diálogo interativo. Como não é o caso, elas são respondidas, evidentemente, pelo próprio contexto. Algumas vezes, o próprio locutor responde.

Exemplos:

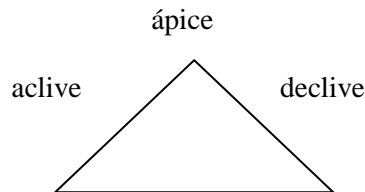
L1 – “Quando o diabo te tenta, o que você faz?”

L1 – “Ah! Eu corro!”

- L3 - “Quando você fala com Deus, o que vem a sua mente?”  
 L3 – “Pensamento positivo? Espero que sim...”

Neste plano, as perguntas podem ser vistas como a busca da persuasão do auditório pelo locutor.

Outra característica que nos chamou a atenção é o tom de voz, caracterizado, algumas vezes, como no gráfico abaixo, demonstrando um entusiasmo do locutor ou a busca da comunicação com o público.



Percebemos que a entonação enfática das perguntas é marcante nos discursos. Aparece como forte característica comunicativa em todos os discursos, seja consciente ou inconscientemente para inferir intenções, seja para gerar expectativas. Nesse caso, a entonação é crucial para a manutenção da atenção dos ouvintes e, portanto, para o sucesso do discurso.

Sabemos que, em todo fato linguístico há que se distinguir, pois, a criação e a coletivização de palavras, expressões e etc. Algumas expressões utilizadas pelos locutores, tais como “Amém!”, “Aleluia”, “Eu sou de Jesus”, “Em nome de Jesus”, “... lavado no sangue de Jesus”, “a mão de Deus”, “misericórdia” e outras são sintagmas cristalizados na linguagem do discurso evangélico em geral e estão presentes em todas as falas analisadas. Pode-se concluir que esses vocábulos são modeladores de uma determinada visão de mundo.

Para mostrar como o conteúdo de expressões e vocábulos está repleto de valores, tanto negativos como positivos, não devemos nos esquecer de que os estereótipos só estão na linguagem porque representam a condensação de uma prática social.

Especificamente, em relação às expressões e palavras retiradas da linguagem evangélica, estas estão impregnadas de valores positivos, por exemplo: “Eu sou de Jesus”, “Jesus é tremendo”, “... lavado no sangue de Jesus”, “Jesus é a vitória”, “Deus tem me sustentado”, ao passo que outras, que não fazem parte da linguagem dessa comunidade, tais como “Santa Maria” (Santos em geral), “comunista” e outras têm um conteúdo cheio de preconceitos, aversões e hostilidades, não só por falantes dessa Comunidade, mas também, por muitas outras pessoas.

São inúmeros os mecanismos verbais usados com o propósito de se conquistar novos adeptos à igreja. Os pastores da igreja, em geral, buscam direcionar a conduta dos fiéis, utilizando os princípios bíblicos como verdades absolutas. Para isso, um intenso trabalho, um esforço linguístico considerável é desenvolvido pelos locutores/falantes para se conquistar novos membros. Vejamos os exemplos de figuras de linguagem utilizadas com esse fim:

“Na igreja,  você precisa ter “**filhos espirituais**”.

“Vamos orar no final da reunião  para Deus engravidar todo mundo aqui de **filhos espirituais**.”

“Você pode ser **pai**...”

“Quando fomos à Marabá... um Sr foi ao encontro de casais, apenas para agradecer... Nós lançamos a **isca** e ele **mordeu**. **Entregou a vida** para Jesus. Está **servindo a Deus** em Maringá.”

“Deus quer que você seja **fértil**.”

“Deus quer **tirar** nossa **esterilidade**.”

“Deus quer que você **produza filhos**.”

Nesses exemplos, as palavras tais como “filhos espirituais”, “engravidar”, “pai”, “fértil”, “tirar esterilidade”, “produza filhos” apresentam um poder persuasivo, em virtude de serem palavras e/ou expressões com traços linguísticos que se combinam criativamente. Observemos as relações entre:

Fertilidade (fértil)/ engravidar.  
Pai/filhos.  
Isca/mordeu.  
Entregou a vida/servindo a Deus.  
Tirar a esterilidade/produzir filhos.

Nesse caso, a interação linguística da linguagem bíblica com a linguagem figurada é muito importante, pois de um lado está o falante e do outro, o ouvinte. Do lado do falante, quem fala tem a intenção de obter alguma modificação no conhecimento/pensamento/comportamento do seu interlocutor. Do lado do ouvinte, a informação é altamente dependente do destinatário e, por isso, a produção do enunciado é dependente daquilo que o falante (locutor) supõe que seja o potencial de seu ouvinte para interpretar o que ele diz.

Essas figuras de linguagem (metáforas) também se constituem como mais uma característica da linguagem evangélica. Constituem-se precisamente nas marcas lexicais mais expressivas na linguagem desse grupo social evangélico, uma vez que, também, na linguagem bíblica são frequentes as metáforas.

Lakoff e Johnson (1980) mostraram como as metáforas são importantes na língua do dia-a-dia. Até então estávamos acostumados a pensar que a metáfora era importante só para a literatura, mas isso não é verdade. Presentes, pois, na própria estruturação do sistema conceitual comum aos membros de uma cultura, as metáforas se evidenciam na língua. Nesse sentido é que se afirma que as metáforas criam realidades, pois as similaridades que estabelecem passam a ser reais para a cultura que as adota.

Segundo os estudiosos, é muito difícil avaliar o verdadeiro impacto de metáforas já existentes sobre o comportamento e o pensamento verbal, quer historicamente, quer nos tempos atuais. Mas, ao mesmo tempo, lembram que o uso frequente e, muitas vezes, deliberado da metáfora pela publicidade, pela política e áreas correlatas poderia ser visto como indício da importância desse impacto. E assim também o é no discurso evangélico.

Vejamos os exemplos de metáforas retiradas dos discursos dos pastores:

“... o fruto da boca” -----palavras;  
“Você vai ser cheio da palavra-----conhecer as palavras;  
“... não saboreia a palavra-----não conhece, não estuda;  
“não adianta nadar, nadar e morrer na praia”----- perseverar na fé (segundo o contexto de onde foi retirado)

Como podemos perceber com essa breve análise, a linguagem desempenha papel importante na transformação dos seres humanos, inclusive, porque exerce influência sobre a estruturação do pensamento/cognição. E, nesse sentido, os pastores desempenham o papel de “educador”, “doutrinador”, “disciplinador” dentro da comunidade cristã e a linguagem utilizada para comunicação na comunidade evangélica gera uma mensagem eficiente para o objetivo na qual é utilizada.



### 3. Sobre a homilia

Segundo o dicionário, homilia é uma palavra de origem grega que significa *conversa, reunião, instrução, intimidade*. A homilia é uma pregação do Evangelho, proferida pelo Sacerdote, ou seja, uma explicação da leitura, dada em forma de discurso e deve fazer a ligação entre a Bíblia, a vida dos presentes e a celebração. É a ocasião para se retomar a palavra de Deus e fazê-la ecoar no íntimo dos participantes.

É importante ressaltar que a homilia procura esclarecer as leituras ou os temas selecionados e questionar a realidade, tentando perceber o sentido dos acontecimentos no plano de Deus, tendo como ponto de referência a pessoa, a vida, a missão, a morte e a ressurreição de Jesus Cristo. Portanto, a homilia ou partilha da palavra de Deus deve ter o objetivo de esclarecer, mostrar a presença e a ação de Deus dentro dos acontecimentos. Considerada elemento integrante da liturgia, a homilia vem normalmente após a proclamação da palavra de Deus.

A homilia é prevista não só para a celebração eucarística, mas também para os demais sacramentos, a Liturgia das Horas e outras celebrações litúrgicas. Na prática, a homilia deve ser uma "conversa familiar" do homiliasta com o povo de Deus. Esta arte exige um mínimo de "dom e carisma" de comunicação da palavra falada e do gesto. Mas não fica no "Dom", pois supõe a aprendizagem da técnica e da competência. A maneira de dizer chega muito mais ao outro do que o que se diz, sobretudo se trata de falar ao coração e não simplesmente à inteligência. O momento da homilia é parte integrante de um momento maior, que é a ação celebrativa toda. Geralmente a comunicação da homilia tem um tom familiar, direto, alegre, seguro, convicto, simples e espontâneo.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho fez uma reflexão geral sobre o papel da linguagem do discurso de pastores evangélicos da igreja selecionada para a pesquisa, resgatando a identidade dos evangélicos da Comunidade pesquisada.

Na linguagem dos pastores há regras estritas. Por exemplo, a linguagem é regulada pelo texto sagrado, pela igreja, pelas cerimônias, pelas reuniões. Isto é, há uma distância muito grande entre o dito de Deus e o dizer do homem. Em oposição ao dizer do homem, o discurso avaliado seria aquele em que há uma relação obrigatória com o livro sagrado. De um lado temos a onipotência divina e de outro, a submissão humana.

Para que os homens sejam ouvidos por Deus, devem se submeter às regras: - serem bons, seguirem a palavra, terem fé ... pois a fé é a possibilidade de mudança, é a disposição de mudar em direção à salvação.

Segundo palavras dos pastores, inspiradas na Bíblia, Hb 8:10, "os membros da igreja devem pensar segundo a palavra de Deus" e I Co 3:19, "precisam 'abrir mão' do que aprenderam no mundo."

Outro aspecto importante da fé a ser observado é o fato de que ela é que distingue os fiéis dos não-fiéis, os convictos dos não-convictos, os convertidos dos não-convertidos. Logo, é o parâmetro pelo qual se delimita a comunidade e constitui o escopo do discurso evangélico é

uma promessa e para os que não crêem é uma ameaça. Segundo o L1, “... sua vida só será bem sucedida, se a palavra de Deus habitar seu coração.”

### **Referências Bibliográficas**

FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and social change*. Cambridge: Polity Press, 1992 (a).

LAKOFF George & JOHNSON Mark. *Metáforas da Vida Cotidiana*. São Paulo: Editora: Mercado de Letras, 1980. ISBN: 8585725974. Título original: *Metaphors We Live By*

MARCUSCHI, Luiz Carlos. *Linguagem e Classes Sociais*. Porto Alegre: Ed. Movimento, 1975.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática no 1º e 2º graus*. São Paulo: Cortez, 1996.

\_\_\_\_\_. *A caracterização de categorias de texto: tipos, gêneros e espécies*. Alfa, São Paulo, 51 (1): 39-79, 2007